

**PELOS VERDES MARES BRAVIOS:  
A TOPONÍMIA DAS PRAIAS DO CEARÁ**

Alexandre Melo de Sousa (UFC e UFAC)

**RESUMO**

Este trabalho enquadra-se na área da *Toponímia*, ramo da *Onomástica* que estuda o processo de nomeação dos acidentes físicos e humanos, e apresenta resultados acerca da toponímia das praias do Ceará. A análise mostrou que, na nomenclatura geográfica estudada, há predominância de topônimos de *Natureza Física*.

**Palavras-chave:** Léxico; Toponímia; Praias cearenses

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Desde a mais remota Antigüidade o homem procura identificar para seu uso, para sua posse e para seu conhecimento, o local em que habita. Esta prática norteadora acaba por ser participante de futuras fronteiras político-geográficas, estabelecendo, muitas vezes, fronteiras lingüísticas. Assim, o ato de nomear os acidentes geográficos, em vista à sua importância no estudo da língua, tornou-se objeto de pesquisa de uma das áreas da *Onomástica*, ramo da *Lingüística* que investiga os nomes próprios de pessoas (*Antroponímia*, cujo objeto de estudo é o antropônimo) e de lugares (*Toponímia*, cujo objeto de estudo é o topônimo) (cf. Trask, 2004).

Como o enfoque deste trabalho se limita aos topônimos das praias do Ceará, a ênfase será para os conceitos toponímicos, embora se possam usar outros, sempre que se fizer necessário. Por meio da investigação dos topônimos, de acordo com Sousa (2007: 19), é possível “verificar a organização de uma região, pois as condições ambientais e sociais refletem-se na língua, principalmente no léxico e, conseqüentemente, na *Toponímia*”.

Em virtude da grande extensão territorial do Brasil, e da grande complexidade de etnias, de culturas, e de línguas que resultaram na formação cultural e lingüística do país, todas as iniciativas de investigações toponímicas têm sido ainda insuficientes, uma vez que há ainda muitos dados a serem levantados e estudados.

No presente estudo, concebendo a toponímia como um recorte do léxico de uma língua que pode revelar aspectos etno-dialetológicos e histórico-culturais de um grupo, objetiva-se, num sentido amplo, assinalar quais os fatores naturais, sociais e culturais que possam estar refletidos e, talvez, preservados nos nomes das praias do Estado de Ceará.

### TOPONÍMIA: CIÊNCIA LINGÜÍSTICA

A ciência lingüística (ou filológica) que estuda os nomes próprios é a *Onomástica*. Os especialistas em Onomástica tomam como objeto de estudo os *antropônimos* – nomes de pessoas, sobrenomes e prenomes –, e os *topônimos* – nomes dos acidentes geográficos físicos e humanos. Muitas são as perspectivas teóricas que têm orientado o estudo da Toponímia.

Dick (1990: 36), por sua vez, define a Toponímia como “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. A toponimista também ressalta que, apesar desse caráter eclético da disciplina, que parece inicialmente se chocar com o pensamento de Charles Rostaing, que via na Lingüística o “princípio essencial da Toponímia”, não há contradição entre as duas posições. A Toponímia, em sua feição intrínseca, “deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas”.

De acordo com Dick, Ullmann (1964) já observava que o estudo dos nomes havia se afirmado recentemente como uma ciência autônoma, a Onomástica. Assim, a Toponímia e a Onomástica acham-se em uma verdadeira relação de inclusão, em que a Toponímia faz parte da Onomástica.

Salazar-Quijada (1985: 18), por seu turno, concebe a Toponímia como

[...] aquele ramo da Onomástica, que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, sócio-econômicos e an-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tropo-lingüísticos que permitiram e permitem que um nome de um lugar se origine e subsista (Salazar-Quijada, 1985: 18)<sup>9</sup>.

O topônimo, portanto, pode ser considerado como um produto cultural que evidencia a realidade material e espiritual do ser humano. E o estudo dos topônimos permite verificar a organização de uma região, pois as condições ambientais e sociais refletem-se na língua, principalmente no léxico e, conseqüentemente, na Toponímia.

De acordo com Sapir (1969: 44), o termo ambiente faz referência aos fatores físicos, como aspectos topográficos (costa, vale planície, chapada ou montanha), clima, regime de chuvas, fauna, flora e recursos minerais. Os fatores sociais são as forças que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo, como religião, padrões éticos, organização política e arte.

Pelo exposto, conclui-se que os topônimos constituem uma fonte de grande importância para o acervo científico e patrimonial de qualquer país, pois por meio deles, como explica Salazar-Quijada (1985: 29): “a nação obtém uma personalidade geográfica própria e se particulariza com relação aos demais territórios do mundo”<sup>10</sup>. Bem como a Arqueologia, os topônimos tornam-se, muitas vezes, a única evidência, em determinada área geográfica, da permanência de grupos que são reconhecidos como uma fonte de identificação e de diferenciação das coisas e dos fenômenos (cf. Salazar-Quijada, 1985: 30).

Salazar-Quijada (1985: 32) observa ainda que, para a geografia, o topônimo é o ponto de partida para numerosas investigações, pois a identificação de acidentes naturais e culturais é de suma importância, tanto para a geografia física, como para a geografia humana, a geografia regional ou urbana ou para qualquer outra disciplina que faça uso do nome geográfico na comunicação científica. Dessa forma, a Toponímia é de suma importância, pois os topônimos são o

---

<sup>9</sup> “[...] aquella rama de la Onomastica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, sócio-económicos y antropo-lingüísticos, que se permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista” (Salazar-Quijada, 1985: 18).

<sup>10</sup> “la nación obtiene una personalidad geografica propia y se particulariza con respecto a los demás territorios del mundo” (Salazar-Quijada, 1985: 29).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

elemento relacional do homem com o ambiente, tornando-se um produto humano que identifica os elementos do espaço geográfico.

Salazar-Quijada (1985: 33) também leva em consideração a dimensão histórica do topônimo. Para ele, por meio dos estudos toponímicos pode-se reconstruir a vida de um povo: sua cultura, seus movimentos migratórios, aspectos lingüísticos, aspectos da vida social e espiritual das pessoas que habitam ou habitaram uma determinada região. Os mapas antigos, por exemplo, apresentam grande variedade de dados, pois o topônimo é o testemunho da presença humana em determinados lugares, tornando-se um importante instrumento para a análise histórica.

No Brasil, como explica Dick (1992), observa-se de maneira semelhante essa diversidade étnica em relação à origem dos topônimos, que testemunham diferentes momentos da história do país. O topônimo torna-se, assim, um verdadeiro fóssil lingüístico<sup>11</sup>, em virtude da sua importância como:

[...] fonte de conhecimento, não só da língua falada, como também das ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em caráter definitivo ou temporário (Dick, 1992: 20).

Pelas discussões apresentadas é possível verificar o caráter interdisciplinar da Toponímia e o quanto é importante seu estudo e o seu conhecimento como uma fonte de informações em todos os aspectos relacionados à localidade, como os níveis social, econômico e político. O estudo toponímico, portanto, pode trazer contribuições para as mais variadas áreas do saber humano.

### O SIGNO TOPONÍMICO A QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO

As discussões sobre a natureza da palavra têm constituído, desde a Antiguidade, um longo trajeto de estudos, especialmente com relação à motivação ou à arbitrariedade do signo lingüístico (cf. Ullmann, 1964: 07).

---

<sup>11</sup> De acordo com Dick (1992: 20), *fóssil lingüístico* é uma expressão do geógrafo francês Jean Brunhes, para quem o topônimo era um fóssil da geografia humana, já que, mesmo com o desaparecimento dos fatores motivacionais, eles ainda podem permanecer no designativo.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No entanto, somente no início do século XX, a questão da arbitrariedade do signo foi retomada por Saussure (1970: 24), que caracterizou a língua como “um sistema de signos que exprimem idéias”, e acrescentou, ainda, que o signo possui um “caráter arbitrário”, e que funciona devido a um contrato social entre os falantes de uma mesma língua. Ou seja, como explica Dossé (1993), o signo linguístico:

[...] une não uma coisa a seu nome, mas um conceito a uma imagem acústica num vínculo arbitrário que remete à realidade, o referente, para o exterior do campo do estudo [...] O signo só envolve, portanto, a relação entre significado (o conceito) e o significante (imagem acústica), com exclusão do referente (Dossé, 1993: 70).

Entre os estudiosos da linguagem, sobretudo semanticistas como Ullmann (1964) e Guirraud (1980), a noção saussuriana da arbitrariedade do signo linguístico, seja quanto à dicotomia significante/significado seja, num plano mais geral, quanto à vinculação entre signo/realidade vem sendo questionada. O primeiro, por exemplo, defende que pode ocorrer motivação semântica do signo por uma relação metafórica ou metonímica; e o segundo, por seu turno, destaca a motivação externa do signo que é estabelecida numa relação entre a coisa significada e a forma significante do sistema linguístico.

No caso do signo toponímico, Dick (1992) explica que, *a priori*, pode-se acatar a noção saussuriana de arbitrariedade, já que o topônimo, como qualquer forma de língua, é, estruturalmente, um significante animado por uma substância de conteúdo; contudo, funcionalmente, o topônimo é marcado duplamente:

[...] o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (Dick, 1992: 18).

E acrescenta:

[...] o topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida (Dick, 1992: 47).

Esta posição assumida por Dick (1992) quanto ao signo toponímico, contradiz a teoria da arbitrariedade defendida por Saussure

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(1970), já que, apesar de pertencer ao sistema de uma língua, ao seu universo lexical, ele é motivado por desejos pessoais, ou fatores sócio-histórico-culturais. Sobre isto, diz Biderman (1981):

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos que se referem ao mundo e ao universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é a parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico (*apud* Oliveira, Isquierdo, 2001: 132).

Dick (1992) explica ainda que a motivação toponímica possui um duplo aspecto que transparece em dois momentos: primeiramente, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, na qual concorreriam circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva e, ainda:

[...] na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, o que pode envolver procedências as mais diversas”. Desse modo, podem também “guardar uma significação precisa de aspectos físicos ou antroponomásticos presentes na denominação (Dick, 1992: 18).

Assim, considerando-se o nome próprio como um fato da língua (como um signo lingüístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antroponomásticos), o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, por que passaram os povos que habitaram, temporária ou definitivamente e região pesquisada.

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O levantamento do *corpus* desta pesquisa teve como fontes básicas as cartas topográficas, escala 1: 100 000, do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Estado do Ceará* (IBGE-CE), em que são registrados 42 (quarenta e dois) designativos de praias do Ceará, sendo 13 (treze) deles de praias localizadas na capital, Fortaleza – *Arpoador, Barra do Ceará, Caça e Pesca, Diário, Formosa, Futuro, Iate, Iracema, Leste-Oeste, Meireles, Mucuripe, Náutico e Pirambu* – e 29 (vinte e nove) designativos de praias localizadas no

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

interior do Estado – *Baleia, Barro Preto, Beberibe, Camocim, Canoa Quebrada, Caponga, Cascavel, Cumbuco, Flexeiras, Icapuí, Icarai, Iguape, Iparana, Itarema, Jericoacoara, Lagoinha, Majorlândia, Morro Branco, Mundaú, Paracuru, Pecém, Ponta Grossa, Pontal do Maceió, Porto das Dunas, Praia das Fontes, Prainha, Presídio, Tabuba e Taíba.*

Os referidos dados foram classificados e analisados seguindo-se as orientações de Dick (1992; 1996), que considera dois pontos de vista: o taxionômico, que contempla 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) relacionadas com o ambiente físico – *Taxionomias de Natureza Física: astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos etc.* –, e 16 (dezesesseis) relacionadas com os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem o homem e o espaço – *Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural: animotopônimos, antrotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos etc.* (cf. Dick, 1992: 32-34); e o aspecto lingüístico, que envolve o campo etno-dialetológico e o histórico-cultural.

Na análise serão considerados apenas os termos específicos dos sintagmas, por exemplo: no sintagma *Praia do Iate*, o formante *Praia* é o termo genérico, que o inclui na categoria de acidentes geográficos físicos; e o termo *Iate*, é o específico, portador da substância do conteúdo e que insere o topônimo na categoria taxionômica (cf. Dick, 1990: 24).

De posse dos dados, o primeiro passo da análise foi verificar, quantitativamente, qual natureza motivacional prevalecia entre os topônimos coletados, se a *Natureza Física (NF)* ou a *Natureza Antropo-Cultural (NA)*. A tabela apresentada a seguir mostra o resultado desta primeira análise.

**Tabela 01: Distribuição percentual das naturezas toponímicas mais frequentes na toponímia das praias cearenses**

<b>Acidente Geográfico</b>	<b>Natureza Toponímica</b>	<b>Número Percentual</b>
Praias	<i>Natureza Física</i>	47,6%
	<i>Natureza Antropo-Cultural</i>	45,2%
	<i>Sem Classificação</i>	07,2%
<b>TOTAL</b>		<b>100,0%</b>

Fonte: Pesquisa direta.

A partir dos números apresentados na Tabela 01, pode-se no-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tar que os topônimos de *Natureza Física* foram preponderantes em relação aos de *Natureza Antropo-Cultural*: os primeiros somaram 20 (vinte), perfazendo 47,6%; e os segundos apareceram 19 (dezenove) vezes, perfazendo 45,2% do total. Vale ressaltar que 3 (três) dos topônimos ficaram sem classificação (SC), já que não foi possível identificar a natureza motivacional e a categoria taxionômica a que pertenciam, perfazendo 7,2% do total.

O segundo passo da análise foi dividir os topônimos de cada natureza, de acordo com as categorias taxionômicas a que pertenciam, para que, em seguida, fosse efetuada a análise de cada signo toponímico. Os resultados quantitativos podem ser visualizados nos Gráficos 01 e 02, apresentados, respectivamente, ao final de cada bloco de análise.

Os valores percentuais correspondem ao total geral de topônimos coletados. Inicialmente são apresentadas as análises dos topônimos de *Natureza Física*, já que apareceram em maior número no *corpus* coletado. Os topônimos serão analisados seguindo-se a ordem das taxes mais produtivas de cada natureza.

A terceira etapa da análise corresponde à identificação dos estratos lingüísticos de etnia tupi presentes na toponímia selecionada, ou seja, o exame lingüístico dos topônimos no âmbito etno-dialetológico e histórico-cultural, cujos resultados numéricos são apresentados no gráfico 03.

Com vistas a esclarecer o significado e a origem de alguns topônimos e subsidiar a classificação dos dados quanto ao aspecto lingüístico, utilizaram-se as obras de Aragão (1994), Bueno (1986), Houaiss (2001) e Sampaio (1987), Cunha (1999). No entanto, por não dispormos de dados sobre o significado e/ou a etimologia da algumas lexias<sup>12</sup>, alguns topônimos foram agrupados na categoria **sem classificação**. Sobre isso, explica Dick (1992):

A referência a dados aproximados prendeu-se [...], ao fato de alguns topônimos exigirem um aprofundamento de estudos, na busca do verdadeiro emprego da denominação ou de sua causa, não explicitada no le-

---

<sup>12</sup> Os termos *lexia*, *lexema*, *item lexical*, *unidade lexical* e *vocábulo* são utilizados com o mesmo valor semântico.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

vantamento sincrônico. Nem sempre o significante, ou a forma lingüística de um nome em Toponímia, conduz a uma interpretação segura do motivo principal quando isolado do ambiente originário (Dick, 1992: 210).

### *Das taxionomias toponímicas de natureza física*

Os topônimos de *Natureza Física* são aqueles cujos fatores motivacionais estão ligados ao ambiente físico, às características físico-geográficas do meio. No *corpus* foram identificados os seguintes topônimos pertencentes a esta natureza: *Baleia, Barra do Ceará, Barro Preto, Caponga, Cascavel, Icapuí, Iguape, Iparana, Itarema, Lagoinha, Leste-Oeste, Morro Branco, Mucuripe, Paracuru, Pecém, Pirambu, Ponta Grossa, Fontes, Prainha e Taíba.*

Segundo Dick (1992: 31-34), são classificados como **geomorfotopônimos** os designativos relativos às formas topográficas. Nos dados foram encontrados 06 (seis) topônimos dessa categoria: *Barra do Ceará, Iparana, Morro Branco, Pecém, Ponta Grossa e Prainha.*

O topônimo *Barra do Ceará*<sup>13</sup> faz referência à entrada estreita de um porto, espécie de morro, existente nas margens do Rio Ceará, que faz encontro com a referida praia. O sintagma *Iparana*, de origem tupi, “Traduz-se literalmente por *uparana* de *yparana* como brejo, pantanal ou ao que falsamente se assemelha a uma lagoa” (Aragão, 1994: 131-132), ou seja, faz referência a uma característica do terreno: alagadiço; da mesma forma que o *Pecém*, também de origem tupi, que “Traduz-se literalmente por *upecem* = praias entrecortadas por sucessivos córregos” (Aragão, 1994: 145).

Os topônimos *Morro Branco, Ponta Grossa e Prainha*, fazem, também, referência às próprias formações topográficas do acidente. A esse respeito Dick (1990: 114) explica que as “formas de relevo terrestre, seja no sentido de elevações ou depressões, costumam emprestar à toponímia uma variedade de signos onomásticos que, em sua maioria, traduzem uma técnica espontânea de designação”.

---

<sup>13</sup> O formante *Ceará* tem origem no tupi *cê-ará*, que significa “fala ou canta o papagaio” (Sampaio, 1987: 221).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Os **zootopônimos**, segundo Dick (1992: 31-34), são os topônimos de índole animal. Nos dados foram encontrados 04 (quatro) designativos desta categoria: *Baleia*, *Cascavel*, *Mucuripe* e *Pirambu*.

Os topônimos *Baleia* e *Cascavel* fazem referência, respectivamente, a uma espécie de mamífero marinho, e a um réptil ofídio reconhecível pela presença de um chocalho na ponta da cauda.

O sintagma toponímico *Mucuripe*, que tem origem no tupi *mucury-pe*, embora signifique “nos mucuris – rio das mucuras ou gambás” (Sampaio, 1987: 287), faz referência, na verdade, a uma espécie de peixe muito comum nesta praia, cuja característica principal é o mal cheiro que exala. E o *Pirambu*, por sua vez, também de origem tupi, significa “Peixe sargo, dito também *corcoroca*” (Bueno, 1986: 255), conhecido na região como peixe pargo, cuja presença é abundante no litoral cearense.

Para Sampaio (1987: 147), a “Geografia do país refletiu também, com mais ou menos precisão, a fauna regional”, ainda que os registros toponomásticos não tenham abarcado toda a variedade das espécies animais – o que Dick (1990: 255) considera muito natural, uma vez que seria muito difícil contemplar toda a fauna brasileira na toponímia.

Segundo Dick (1992: 31-34), são classificados como **hidrotopônimos** os designativos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Nos dados foram identificados 03 (três) desses topônimos: *Iguape*, *Lagoinha* e *Fontes*.

O sintagma toponímico *Iguape* tem origem no tupi *yguá-pe*, cujo significado é “no lagamar, na baía fluvial” (Sampaio, 1987: 248). Em ambos, como se vê, os motivadores são acidentes hidrográficos.

Os topônimos *Lagoinha* e *Fontes* também fazem referência a acidentes hidrográficos: o primeiro faz referência a um pequeno lago existente na mesma região litorânea onde fica a praia; e o segundo a uma famosa nascente d’água, uma espécie de chafariz que brota das rochas localizadas nesta referida praia.

Os **litotopônimos** são classificados por Dick (1992: 31-34), como os topônimos de índole mineral, também relativos à constitui-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ção do solo. Foram encontrados no *corpus* 03 (três) sintagmas desta categoria: **Barro Preto**, **Itarema** e **Paracuru**.

O topônimo **Barro Preto** refere-se ao tipo de solo argiloso provavelmente existente na região. O topônimo **Itarema**, de origem tupi, “Traduz-se etimologicamente por *ita* = pedra + *rema* = fétido, fedorento, donde se obtém certo tipo de rocha no qual se integram determinados minérios” (Aragão, 1994: 135).

No caso do topônimo **Paracuru**, também de origem tupi, “Traduz-se etimologicamente por *pará* = rio + *curu* = cascalhos, pedra miúda, seixos donde se obtém rio dos cascalhos” (Aragão, 1994: 144), sendo cascalho um tipo de pedras lascadas, miúdas, muito comum nas areias da referida praia.

Dick (1992: 31-34) classifica como **fitotopônimos** os designativos de índole vegetal. No *corpus* foram identificados 03 (três) topônimos desse tipo: **Caponga**, **Icapuí**, **Taíba**.

Os sintagmas toponímicos, incluídos na referida taxa, são todos oriundos do tupi: **Caponga** vem de *caá-ponga*, que significa “mato batido” (Sampaio, 1987: 216); **Icapuí** “traduz-se por *y* de água + *caa* = mato e *puí* de rápido, ligeiro, donde se obtém campos relvosos através dos quais as águas se escoam com rapidez” (Aragão, 1994: 130).

O topônimo **Taíba**, por sua vez, “traduz-se por *taí* = ácido, azedo + *yba* = fruto, donde se obtém certa espécie de fruta ácida” (Aragão, 1994: 148), possivelmente, característica da referida região.

Dick (1992: 31-34) classifica como **cardinopônimos** os designativos relativos às posições geográficas em geral. No *corpus* foi identificada 01 (uma) ocorrência desse tipo: **Leste-Oeste**, cujo termo específico, de estrutura composta, indica pontos cardeais da esfera celeste em que, o primeiro – *Leste* – indica o nascer do sol; e o segundo – *Oeste* – indica o pôr do sol: fenômenos muito apreciados nas regiões praianas.

Quanto à formação morfológica dos signos **Lagoinha** e **Praia**, temos duas bases acrescidas do sufixo – *inh(a)*, que pode indicar noções dimensionais, pejorativas, valorativas etc. (cf. Houaiss, 2001). Nos casos referidos, acredita-se que foram utilizados como

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

forma de indicar o tamanho (noção dimensional) dos acidentes: no primeiro caso, como foi exposto anteriormente, uma lagoa existente na área onde está a referida praia; e no segundo caso, o próprio tamanho da praia.

Sobre a influência de fatores de ordem físico-geográfica na nomenclatura geográfica, diz Isquierdo (1996):

[...] É pertinente e justificável, portanto, a presença, na toponímia local, de nomes que remetam às características físicas e geográficas do meio. Contudo, há que se assinalar que não é simplesmente esse ambiente físico o fator determinante na configuração do léxico local, mas sim a importância social que esse ambiente desempenha na vida do grupo (Isquierdo, 1996: 147).

### *Das taxionomias toponímicas de Natureza Antropo-Cultural*

Os topônimos de *Natureza Antropo-Cultural* são aqueles cujos fatores motivacionais estão ligados às relações que envolvem o homem inserido em um grupo com seus aspectos sociais, históricos e culturais. No *corpus* foram identificados os seguintes topônimos pertencentes a esta natureza: *Arpoador, Beberibe, Caça e Pesca, Camocim, Canoa Quebrada, Diário, Formosa, Futuro, Iate, Icaraí, Iracema, Jericoacoara, Majorlândia, Meireles, Mundaú, Náutico, Pontal de Maceió, Porto das Dunas e Presídio*.

Segundo Dick (1992: 31-34), os topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma sociedade são classificados como **sociotopônimos**. Nos dados foram encontrados 07 (sete) designativos enquadrados nessa categoria: *Arpoador, Diário, Iate, Mundaú, Náutico, Porto das Dunas e Presídio*.

A lexia *arpoador*, de origem francesa (Houaiss, 2001), que nomeia a *Praia do Arpoador*, indica a pessoa que manuseia ou usa o arpão, que é um instrumento usado na pesca de grandes peixes. Neste caso, por estar relacionado a uma atividade profissional, o sintagma está incluído na categoria dos **sociotopônimos**.

Os topônimos *Diário, Iate e Náutico*, fazem referência a clubes recreativos situados na orla marítima de Fortaleza, ou seja, pontos de encontro de membros da sociedade; da mesma forma, *Porto*

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*das Dunas* recupera um ponto de encontro e local de trabalho: *porto* – o que justifica suas inclusões entre os **sociotopônimos**.

A lexia *presídio*, de origem latina (Houaiss, 2001), remete ao estabelecimento público destinado a receber presos. Deste modo, o topônimo *Praia do Presídio* faz referência tanto a um local de trabalho, quanto a um ponto de encontro de membros de uma sociedade.

O sintagma toponímico *Mundaú*, de origem tupi, significa “Rio dos ladrões, o bebedouro dos ladrões” (Bueno, 1986: 572). De alguma forma, *ladrão* indica uma atividade humana que tem fins lucrativos. Daí esse topônimo ser classificado como **sociotopônimo**.

Isquierdo (1996: 147), sobre a importância social que o ambiente exerce sobre a nomeação dos acidentes geográficos, cita Sapir (1961: 45): “no que concerne à língua, toda influência ambiental se reduz, em última análise, à influência da parte social do ambiente”.

São classificados como **dirrematopônimos**, os designativos constituídos por enunciados ou frases lingüísticas (Dick, 1992: 31-34). No corpus foram identificados 02 (dois) topônimos dessa categoria: *Caça e Pesca* – que indica atividades praticadas na referida área litorânea; e *Beberibe*, originário do tupi *bibi-r-y-pe*, que significa “no rio do vai-e-vem” (Sampaio, 1987: 205) – que faz relação ao movimento (à ação) das águas do referido acidente.

Os **ergotopônimos**, segundo Dick (1992: 31-34), são os topônimos relacionados aos elementos da cultura material. Nos dados foram encontrados 02 (dois) designativos dessa categoria: *Camocim* e *Canoa Quebrada*.

*Camocim*, de origem tupi, vem de *cambu-chi*, que significa “o vaso d’água, o pote, cântaro” (Sampaio, 1987: 214), e *Canoa* indica uma espécie de embarcação. Ambos os designativos, portanto, têm relação com elementos da cultura material, por isso são enquadrados entre os **ergotopônimos**.

De acordo com Dick (1992: 31-34), os topônimos relacionados aos nomes próprios individuais (prenome, hipocorístico, prenome + alcunha, apelido de família, prenome + apelido de família), são classificados como **antrotopônimos**. Nos dados foram encontrados 02 (dois) designativos com essa classificação: *Iracema* e *Meireles* –

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ambos fazendo referência a nomes próprios individuais. O primeiro recupera o nome da personagem título do romance *Iracema*<sup>14</sup>, escrito por José de Alencar; e o segundo, o sobrenome de uma tradicional família cearense que residia nas proximidades da referida praia.

Os demais topônimos, cujos fatores motivacionais foram de *Natureza Antropo-Cultural*, apareceram 01 (uma) única vez nas seguintes categorias: **animotopônimo**, topônimo referente à vida psíquica ou à cultura espiritual (Dick, 1992: 31-34): **Formosa** – que recupera a idéia de agradabilidade, de beleza frente à paisagem local; **hierotopônimo**, topônimo relativo aos nomes sagrados de diversas crenças (Dick, 1992: 31-34): **Icarai** – de origem tupi, significa “água santa, água benta. De y água, rio, caray, santo” (Bueno, 1986: 148); **ecotopônimo**, topônimo relativo às habitações de um modo geral (Dick, 1992: 31-34): **Jericoacoara** – de origem tupi, vem de *yuru-cuã-quara*, que significa “o buraco ou refúgio das tartarugas” (Sampaio, 1987: 269); **axiotopônimo**, topônimo referente aos títulos e dignidades (Dick, 1992: 31-34): **Majorlândia** – que recupera o título de Major; **cronotopônimo**, topônimo referente aos indicadores cronológicos (Dick, 1992: 31-34): **Futuro** – indicando o tempo que há de vir, o destino; e **corotopônimo**, topônimo referente a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes (Dick, 1992: 31-34): **Portal de Maceió** – que recupera o nome da cidade de Maceió, capital de Alagoas.

Com relação ao sufixo *-lândia*, presente no topônimo **Majorlândia**, Houaiss (2001) explica tratar-se de um “positivo” do teutônico comum, como terra, país, região”, extremamente freqüente em topônimos das línguas anglo-saxãs, alatinados tardiamente com o recurso do sufixo *-ia*, próprio de locativos pátrios.

A respeito da influência de fatores sócio-culturais no ato de nomeação de acidentes geográficos, pondera Isquierdo (1996) que o termo “cultura” deve ser tomado no seu antropológico, ou seja:

[...] referindo-se à cosmovisão de um indivíduo inserido num grupo social e lingüisticamente constituído. Essa cosmovisão implica, por con-

---

<sup>14</sup> A lexia vem do tupi *yra* – *cema*, que significa “a saída das abelhas, o enxame. [...] Como nome de mulher, vale por *melífua*, *dulce*, razão por que José de Alencar o traduziu livremente *lábios de mel*, para qualificar a heroína do seu romance” (Sampaio, 1987: 253).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

seguinte, não só o fazer, mas também, o saber – conhecimento, de maneira fundamental, adquirido pelo indivíduo pertencente a um determinado grupo social (Isquierdo, 1996: 28).

### *Dos estratos lingüísticos de base tupi*

O exame dos designativos de *Natureza Física* sob a perspectiva lingüística, que abrange o campo etno-dialetológico, revelou que, dos 20 (vinte) topônimos selecionados, 11 (onze) apresentam elementos de origem tupi – o que corresponde a 55% do total.

Quanto à análise lingüística dos topônimos de *Natureza Antropo-Cultural*, por sua vez, os dados mostraram que dos 19 (dezenove) designativos coletados, 06 (seis) revelaram elementos oriundos da língua tupi, o que corresponde a 31,6% do total geral.

No recorte toponímico selecionado, os designativos que registraram elementos de origem tupi correspondem a 40,5% do total geral.

Segundo Dick (1992), a tupi é uma das mais importantes famílias indígenas de que a etnografia brasileira tem conhecimento e a sua influência se faz sentir consideravelmente na Língua Portuguesa.

O sistema léxico tupi trouxe uma grande variedade de contribuições ao português, que “preservou nos vocábulos fossilizados as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios da experiência” (Dick, 1992: 39).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte toponímico apresentado, num âmbito geral, confirma a tese sapiriana (1969) de que o ambiente, tanto físico como social, reflete-se na língua e que só atua sobre o indivíduo por meio das forças sociais. No que se refere aos topônimos destacados, verificou-se que elementos, tanto de natureza física, quanto de natureza socio-cultural do ambiente, transpareceram no exame efetuado.

A análise das diferentes categorias taxionômicas mostrou, na nomenclatura das praias cearenses, prevaleceram os fatores de ordem físico-geográficos (47,6% do total) da região como motivadores dos

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

designativos, destacadamente as formações topográficas (incluídos na classe dos **geomorfotopônimos**), que somaram 14,3% dos casos. Em seguida, apareceram os topônimos de índole animal – os **zootopônimos** –, que somaram 9,52%; e os topônimos motivados por acidentes geográficos hídricos – os **hidrotopônimos** – somando 7,14% do número geral.

Em segundo lugar, apareceram os motivadores de natureza sócio-culturais, destacadamente, os nomes de atividades profissionais e locais de encontros de membros da sociedade (incluídos na classe dos **sociotopônimos**), que somaram 16,7% dos casos. Em seguida, apareceram os topônimos formados por enunciados lingüísticos – os **dirrematopônimos** –, os topônimos motivados por elementos da cultura material – os **ergotopônimos** –, e os topônimos motivados por nomes próprios individuais – os **antrotopônimos** – que somaram, cada uma das categorias, 4,76% do total geral.

Quanto ao aspecto lingüístico, que envolve o campo étno-dialetológico, o sistema toponímico analisado registra estratos da língua indígena tupi em 55% dos designativos de *Natureza Física* e em 31,6% dos designativos de *Natureza Antropo-Cultural* – 40,5% dos dados coletados –, o que demonstra a preservação de aspectos referentes à cultura dos primeiros habitantes da região. São exemplos: *Beberibe, Camocim, Icapuí*, entre outros.

A Língua Tupi, segundo Bueno (1986, p. 13), não foi originada de uma tribo específica. Tratava-se de “uma uniformização léxica racional de vários dialetos, fixada pela Gramática do Padre Anchieta e pelo vocabulário jesuítico”, para ser usada pelos missionários em seus trabalhos catequéticos pela costa brasileira, do Maranhão a São Paulo.

Para Dick (1992), a difusão dos topônimos de origem tupi em vários pontos do Brasil:

[...] pode ser atribuída não só à maior mobilidade geográfica ou mesmo sócio-cultural do grupo, como também à ação religiosa dos missionários e à participação das antigas bandeiras, que difundiram a língua dita então geral, dilatando, conseqüentemente, a área ocupada por esses indígenas (Dick, 1992: 22).

Pela extensão demográfica em que foi disseminada, abrangendo vastas porções territoriais, o Tupi descentralizou-se, subdivi-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

dindo-se em grupos familiares, que ocupavam áreas geográficas distintas e possuíam denominações próprias; embora linguisticamente vinculados ao mesmo ramo, como os Tupinambás, os Tupiniquins, os Tamoios etc.

No Ceará, de acordo com Aragão (1994: 17), “além dos grupos de menor expressão, havia como destaque os Tabajaras, cujas aldeias situavam-se na Serra da Ibiapaba e cujo governo se sobrepunha aos Tapuias [...]”.

Há que se registrar ainda que 03 (três) topônimos coletados, 7,14% dos dados, não foram classificados porque as etimologias/motivações inerentes aos seus termos específicos não foram encontradas, o que impossibilitou o enquadramento dos referidos designativos nas categorias toponímicas disponíveis.

Isto demonstra que certas denominações podem perder a transparência de seu conteúdo semântico, o que resulta em sua opacidade. Os referidos sintagmas foram: *Cumbuco*, *Flexeiras* e *Tabuba*.

Por fim, o presente estudo comprovou que as marcas extralingüísticas da Toponímia foram relevantes para se chegar ao motivo subjacente nas denominações dos acidentes geográficos pesquisados; e, ainda, num plano geral, evidenciou a importância da língua como mecanismo de registro e de divulgação de aspectos socioculturais relacionados a um grupo, numa determinada região. Esses resultados reforçam o posicionamento de Dick (1992):

[...] através das camadas onomásticas, revelam-se, numa perspectiva globalizante, as feições características do local, sejam de ordem física quanto sócio-culturais. De tal esses aspectos se corporificam nos topônimos que se pode, muitas vezes, estabelecer a correlação entre o “nome” dos acidentes e o “ambiente” em que ele se acha inscrito (Dick, 1992: 35).

Assim, no processo de nomeação, o denominador retoma leixas do uso comum e as eterniza por meio da toponímia, à medida que escolhe, entre todas as possibilidades disponíveis no sistema lingüístico, nomes para representar a realidade que o circunda: nomes que caracterizam o ambiente físico – animais, plantas, acidentes hidrográficos – ou nomes que identificam aspectos sócio-culturais – elementos da cultura material, sentimentos religiosos, estados de espírito, entre outros.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Os resultados revelados nesta pesquisa mostram que o ambiente físico e o sócio-cultural se complementam, descrevendo e preservando as características e os valores da região litorânea cearense e do homem que nela vive, ou viveu.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, R. B. *Índios do Ceará e topônimos indígenas*. Fortaleza: Barraca do Escritor Cearense, 1994.

BUENO, S. *Vocabulário tupi-guarani-português*. São Paulo: Brasiliários, 1986.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

———. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

———. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996.

DOSSÉ, F. *História do estruturalismo: o campo do signo*. Campinas: UNICAMP, 1993.

GUIRRAUD, P. *A semântica*. São Paulo: DIFEL, 1980.

OLIVEIRA, A. M. P. de., ISQUERDO, A. N. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande/MS: UFMS, 2001.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

SAPIR, E. *Língua e ambiente*. A lingüística como ciência. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.

SOUSA, A. M. de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico dos acidentes humanos e físicos acreanos*. Forta-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

leza: 2007. Tese (Doutorado) – UFC, 2007.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.